

Amadora Um pouco de história

ALVES DA SILVA

Não existem certezas quanto à idade do actual território amadoreense e da sua vivência humana, mas existem indícios bem concludentes da sua antiguidade e certezas de ter sido habitada desde os alvares da humanidade, como o provam os diversos achados arqueológicos. A sua privilegiada situação de abundância de água, caça e arvoredo, aliadas ao microclima ameno, terão oferecido condições para a fixação das populações por estes sítios.

A fundação da nacionalidade vem definir o tipo social mais identificativo da localidade com o aparecimento do “salio”, saído da expulsão dos mouros de Lisboa, altura em que D. Afonso Henriques dá permissão aos moçárabes e “mouros forros” para se fixarem no termo, ou seja, nas terras do termo de Lisboa, gente esta habilitada a trabalhar nos campos, mulheres fortes, e todos muito aptos para negócios, teimosos nos sentimentos e na maneira de conduzir a vida.

Esta é uma imagem muito rápida do salio, cujo apelido nada tem de depreciativo. Com a chegada desta gente, muita dela despojada, com a invasão dos cruzados, de tudo quanto era seu, chegam também as poderosas ordens religiosas, a quem os monarcas fazem doações, e o desenvolvimento da região, para os nossos dias, começa a partir daí.

Os documentos escritos, com referência aos lugarejos da localidade, começam a aparecer no século XIII, com a divisão das terras em herdades e a fixação, conquanto lenta, da população ligada à agricultura, cujas produções agrícolas são encaminhadas, na sua maior parte, para os mosteiros e conventos. Uma certeza, terras de bom “pam” (pão).

O século XIV já marca uma certa concentração, com a agregação de várias herdades, em função da qualidade do solo e da existência de água, com a ribeira da Falagueira a fertilizar os campos e os poços chegando para a rega dos restantes. No século XVI, a Estrada Real, ou Real Estrada (hoje Estrada de Benfica e Rua Elias Garcia) torna-se o principal eixo de circulação de pessoas e animais, a caminho de Sintra, Belas e Ericeira, situação a manter-se durante algumas centenas de anos, daí o aparecimento de novas povoações, como a Venda Nova, e de casas de pasto e hospedarias ao longo deste trajeto para apoio aos viajantes a caminho das terras de Oeste, tendo desempenhado um importante papel na ocasião da construção do Mosteiro de Mafra e do Palácio de Queluz, com a passagem periódica de monarcas, fidalgos e clérigos a caminho dessas localidades. Foram correndo os anos.

Quanto à beleza destas terras, escreveu frei Luís de Sousa, falecido em 1632, no convento de São Domingos de Benfica: “Huma piquena legoa da cidade, pela estrada que corre para Sintra, pouco desviado d’ella p’era parte do Poente (...) rica de pomares de fontes e arvoredo...”. No século XVIII, começa a ter forma definitiva o Aqueduto das Águas Livres, obra erguida para matar a sede aos lisboetas. Quanto a este Monumento Nacional, refere o padre Álvaro Proença, na sua obra *Benfica Através dos Tempos*, publicada no século XX: “... no tão pitoresco e hoje tão populoso lugar da Damaia, passa o Aqueduto das Águas Livres por cima de dezanove arcos...”. A esta aldeia (Damaia) também outros escritores se referem, como Pinho Leal, na sua obra *Portugal Antigo e Moderno*, ao dar notícia das belezas da então pequena aldeia. Com a construção do aqueduto, muitos dos operários ficam por cá, aqui organizam a sua vida, e o campo começa a dar lugar a outras artes de trabalho em pedra e ferro, conquanto continuem a ouvir-se os guizos dos moinhos de vento e as noras das ribeiras. O nascimento do concelho de Oeiras (1759) é um marco decisivo para o arrumamen-

to da parte administrativa dos lugares, os quais, a partir daqui, andam, quase sempre, associados à freguesia de Benfca.

Nos séculos seguintes, começa a acentuar-se um certo regionalismo saloio e a Porcalhota torna-se procurada por famílias distintas, por boémios e pândegos, vindos de Lisboa para as festas tradicionais e para apreciarem o petisco do coelho guisado (Pedro dos Coelhos), pitéu celebrado por Eça de Queiroz na sua obra *Os Maias*.

As maiores transformações aparecem no século XX e para isso muito contribui a chegada do comboio e de outros transportes públicos. Como diz Delfim Guimarães: "... Com a abertura dos caminhos-de-ferro de Lisboa a Sintra, começou a ser procurada a Amadora como um local magnífico para edificações, fora do cerco das barreiras da cidade, em sítio aprazível, banhada pelos ventos que constantemente a lavam e que a tornam em extremo saudável...". É mudado o nome da localidade que fica a chamar-se Amadora, e desaparece a malsoante designação de Porcalhota (1907). A indústria dá os primeiros passos com a Fábrica de Espartilhos Santos Matos a retirar muita gente dos afazeres do campo. Torna-se freguesia autónoma (1916), rasgam-se ruas e a Amadora começa a perder tudo que era seu. A Liga de Melhoramentos desenvolve um papel importante: escolas, saneamento básico, cinemas, espaços de lazer, entre outros, devem-se a esta veneranda associação de amadorenses.

A elevação a freguesia é um dos passos administrativos mais relevantes da vida das populações e com ele aparece um certo aumento demográfico. Chegam as fábricas e a localidade começa a descaracterizar-se. A elevação a vila (1937) pouco ou nada modifica este estado de coisas. Não passava de uma vilazinha dos arredores de Lisboa, pertencente ao concelho de Oeiras.

Com a industrialização, os anos trinta e quarenta do século passado são determinantes. A urbanização começa a invadir searas e a derrubar muros. A partir de 1950 e durante toda a década de sessenta, verifica-se uma construção cada vez mais acelerada, com as pessoas das mais variadas localidades do país a procurar trabalho na construção civil e nas fábricas. Começa aqui a desenrolar-se a habitação clandestina. Irrompem os prédios, surgem os bairros e a localidade torna-se em pouco tempo no maior dormitório de quem trabalha em Lisboa e a maior freguesia clandestina a nível europeu, como foi o caso da Brandoa. O desenvolvimento urbanístico dos anos sessenta e setenta é causa e efeito do aumento demográfico e, por essa razão, começam a proliferar os bairros clandestinos e degradados.

Chega a altura de serem ouvidas as vozes das forças vivas da localidade ao pugnaem pela autonomia administrativa, ou seja, a elevação destes sítios a município, deixando, assim, a dependência do concelho de Oeiras. Tal desiderato só viria a ser conhecido no dia 11 de Setembro de 1979, mesmo assim por força do evento do 25 de Abril de 1974, sendo, por isso, o primeiro município e cidade depois de Abril, ficando definidos os seus limites territoriais, com uma população, a essa data, de 186 mil pessoas, para uma área de 24 km² e uma densidade populacional de 7750 habitantes por quilómetro quadrado. O novo concelho fica dividido em 8 freguesias e, já em 1997, é ampliado para 11. A partir daqui, começa a Amadora a perder, embora lentamente, um pouco de cidade dormitório e a projectar-se como uma cidade em evolução.

Surgem os bairros degradados

As baixas condições económicas existentes nos seus países de origem, levaram a população negra, vinda das ex-colónias portuguesas, a apropriar-se gratuitamente de terrenos junto

de antigas estradas militares, com habitações bem diferentes umas das outras, sempre com o intuito de aproveitar todos os espaços disponíveis, como aconteceu, entre outros, com os bairros 6 de Maio, Estrela d'África e Fontainhas, distribuída por ordem crescente, e seguindo o Plano Director Municipal de 1990, da seguinte forma: Moçambique, Angola e outras ex-colónias, das quais sobressai Cabo Verde, constituindo a Amadora o município da Área Metropolitana de Lisboa onde esta comunidade é mais representativa. Este factor traduz, nos anos oitenta, um grande peso migratório desta gente para o continente, empregando-se no sector da construção civil e serviços (terciário inferior). O ritmo de crescimento acelera-se nos anos oitenta e noventa. É a fase do crescimento rápido, sem qualquer intervenção dos poderes políticos, mesmo com ocupação de grandes áreas de terreno considerado público.

Em 1988, a população residente em bairros degradados e clandestinos atingia 24 776 (11 %) e 27 665 (13 %), respectivamente, aparecendo o bairro das Fontainhas com 262 fogos e uma população de 2227; o 6 de Maio com 340 fogos e uma população de 2890.

Nestes últimos anos, o peso relativo da população residente nestes bairros degradados teria sofrido alterações com o realojamento dessas pessoas em habitações sociais. Nos anos em análise, esses bairros degradados consolidaram as habitações, substituindo a madeira por alvenaria, melhorando, assim, as condições de habitabilidade. O bairro 6 de Maio é o que concentra maior número de gente oriunda da Guiné, mas também de São Tomé e de Moçambique, e menos de Cabo Verde, sendo, por outro lado, o bairro com maior percentagem de pessoas sem escolaridade, mas sabendo ler e escrever.

Aqui se encontra o maior número de casas cedidas por empréstimo. Apresenta uma maior taxa de desempregados e

menor de reformados. Verifica-se, por outro lado, uma maior percentagem de operários a trabalhar com colegas, daí a existência de um número de patrões fora da média.

O bairro das Fontainhas detém o maior número de pessoas dos PALOP, mais de Moçambique e menos de Cabo Verde. São trabalhadores por conta de outrem. É o bairro onde os seus moradores menos sentem a imagem negativa do bairro. Por outro lado, é aquele onde outras necessidades são sentidas como mais urgentes do que as actividades para jovens.

O Estrela d'África é o bairro com menor proporção de gente idosa, com maior número de naturais de Moçambique e de São Tomé, e menos de Cabo Verde. Tem casas ocupadas e é o que conta com menor proporção de casa própria, conforme revela o estudo da Câmara Municipal da Amadora sobre *As Populações do Concelho da Amadora: Relações inter-étnicas e re-presentações – 2002*, realizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED). Os moradores deste bairro são os que melhor apreciam as actividades para crianças e jovens dinamizadas nomeadamente pelo Centro Social do Bairro 6 de Maio.

A comunidade mais numerosa, mais estruturada e mais antiga é a de Cabo Verde, sendo também esta a que mais gosta do seu bairro. Mas também os naturais de São Tomé e da Guiné gostam de viver nos bairros de residência, conquanto já existam novas gerações nascidas cá e, por isso, com a nacionalidade portuguesa.

Existem laços de solidariedade e de vizinhança nos bairros em análise: 6 de Maio, Fontainhas e Estrela d'África.

O tecido social do concelho da Amadora não deixa de ser complexo em todas as suas vertentes e muito diverso. As zonas

degradadas constituem uma porta aberta aos “fenómenos da marginalidade, da delinquência e da toxicodependência”.

No entanto, temos vindo a assistir ao desenvolvimento de várias políticas conducentes à melhoria das condições de vida dos residentes daqueles bairros degradados.

Essas políticas têm vindo a ser levadas à prática de forma faseada, em alguns bairros, como por exemplo, nas Fontainhas e Bezouros, para deslocação e instalação das populações em casas construídas de raiz, mais dignas e com outras condições.

É certamente um contributo importantíssimo que nos leva a ser optimistas e nos dá esperança para acreditar que, num futuro próximo, serão resolvidas as necessidades básicas destas populações.